

Curso de Quenya

Helge Kåre Fauskanger
(*helge.fauskanger@nor.uib.no*)

Tradução
Gabriel "Tilion" Oliva Brum
(*tilion@terra.com.br*)

LIÇÃO DEZESSEIS

O caso instrumental. Verbos com uma vogal não enfatizada + *-ta*. O imperativo. A fórmula *nai*.

Se aceitarmos a informação fornecida na Carta Plotz como a versão definitiva de Tolkien do sistema de casos do quenya, teremos tratado até aqui de todos os casos do substantivo em quenya, com exceção de dois. Um deles é um tanto obscuro; Tolkien não forneceu informações adicionais sobre ele, não nos dizendo nem como esse caso é chamado. A desinência relevante é *-s*, plural *-is*. O padrão da Plotz sugere que este “caso misterioso” é simplesmente uma versão alternativa mais curta do locativo: a palavra que exemplifica este caso é listada em um parêntese abaixo da forma locativa da mesma palavra. Assim, ao invés de *coassë* “em uma casa”, plural *coassen* “em casas”, talvez se pudesse usar as formas mais curtas *coas*, pl. *coais*. Contudo, uma vez que não podemos ter completamente certeza da função deste caso, não farei exercícios que o envolvam. Por outro lado, a função do último caso do quenya que iremos discutir neste curso é relativamente bem compreendida. Estamos falando sobre:

O CASO INSTRUMENTAL

A regra para que de que forma o caso instrumental é construído pode (para propósitos pedagógicos!) ser determinada muito simplesmente: apenas adicione *-en* à forma dativa! Logo, enquanto o dativo possui a desinência *-n*, correspondendo no plural a *-in* e no dual a *-nt*, o instrumental possui as desinências *-nen*, plural *-inen*, dual *-nten*. Antes de tratarmos da função deste caso, apresentaremos mais alguns detalhes sobre as formas instrumentais como tais.

Devemos supor que a desinência instrumental básica *-nen* pode ser adicionada diretamente a substantivos que terminam em *-n* e *-r* sem criar encontros impossíveis, de modo que poderíamos ter *elennen* como a forma instrumental de *elen* “estrela”, ou *Anarnen* como a instrumental de *Anar* “sol”. (Essas formas instrumentais com certeza seriam enfatizadas na penúltima sílaba por causa dos encontros consonantais *-nn-* ou *-rn-* que sucedem a vogal dessa sílaba.) Substantivos que terminam em *-s* com radicais *-r-* (para *-z-* mais antigo) provavelmente também mostrariam *-rn-* no instrumental; ex: *olornen* como a forma instrumental de *olos*, *olor-* “sonho”. Substantivos em *-n* com radicais em *-m-* devem ser presumidos como possuindo formas instrumentais em *-mnen*; ex: *talamnen* como a forma instrumental de *talán*, *talam-* “chão, assoalho”. Mas a partir deste ponto, não podemos ter certeza. Uma vez que o grupo *ln* regularmente se torna *ld* em quenya, pode ser que a forma instrumental de (digamos) *estel* “confiança, esperança” deva ser *?estelden* para *estelnen* mais antigo. De outro modo, como no caso de substantivos em *-t*, isso se torna ainda mais difícil. Qual é a forma instrumental de um substantivo como *nat* “coisa”? Visto que ***natnen* não é uma forma possível em quenya, ela se transformaria em *?nanten* com metátese *tn* > *nt*, ou uma vogal de ligação (possivelmente *-e-*) se materializaria para produzir uma forma como *natenen*? No caso de substantivos com formas especiais de radicais que terminam em encontros consonantais, uma vogal de ligação *deve* ser inserida antes da desinência *-nen*; a forma instrumental de *nís* (*niss-*) “mulher” pode ser algo como *nissenen*.

Algumas vogais finais há muito perdidas de outra forma podem ser preservadas antes de desinências casuais, como quando **ambar** “destino, sina” é vista possuindo a forma instrumental **ambartanen** (o exemplo relevante é discutido mais abaixo). O radical de **ambar** pode ser dado como **ambart(a)**:- presumivelmente a palavra terminava em *-rta* em élfico primitivo, mas exceto quando protegida por desinências gramaticais, a vogal final e (posteriormente) o *-t* foram perdidos.

Se a desinência de plural **-inen** é adicionada a um substantivo que termina em uma das três vogais, **-a**, **-o**, ou **-u**, o **-i**- inicial da desinência se funde com a última vogal do substantivo para formar um ditongo. Constituindo a nova penúltima sílaba, ela naturalmente atrai a ênfase. Assim, WJ: 391 possui **ómainen** como a forma instrumental plural de **óma** “voz”, a forma **ómainen** sendo enfatizada no ditongo **-ai**-. Substantivos que terminam em **-ë** podem originalmente ter se comportado de maneira similar, de modo que **lassë** “folha” possuiu uma vez a forma instrumental plural *lasseinen*, enfatizada no ditongo *ei* – mas em quenya, o *ei* mais antigo eventualmente se tornou um **í** longo, e a Carta Plotz aponta para **lassinen** como a forma corrente. É claro, este **í** longo ainda atrai a ênfase, como qualquer vogal longa que ocorra na penúltima sílaba de uma palavra. É possível que substantivos que terminem **-i**, como **tári** “rainha”, também mostrem **í** em suas formas instrumentais plurais, *tári+inen* se manifestando como **tárinen** uma vez que dois **i**'s curtos se fundem em um **í** longo. Esta forma plural, **tárinen**, enfatizada no **í** na penúltima sílaba, contrastaria com o singular **tárinen**, enfatizado em *tár*-. Substantivos em **-ë** com formas de radicais em **-i** podem se comportar de maneira similar. A forma instrumental singular do substantivo **lírë**, **líri**- “canção” é atestada no *Namárië* como **lírinen** (esta seria simplesmente *líri+nen*); talvez a forma plural fosse **lírinen** (para *líri+inen*).

Pela última vez neste curso propriamente dito, devo incomodar o estudante com a questão das formas duais: *alguns* instrumentais duais possuem a desinência **-nten** como indicado pela Plotz, mas o elemento dual é obviamente o **t**, inserindo-se na desinência instrumental mais simples **-nen**. Então, a desinência **-nten** é peculiar a substantivos com formas nominativas duais em **-t**, de modo que substantivos com formas nominativas duais em **-u** adicionariam a desinência mais simples **-nen** após este **-u**? Tendo a pensar que sim; a forma instrumental de **Aldu** “Duas Árvores” seria então **Aldunen** ao invés de **?Aldunten** (ou **?Aldanten** ou o que seja).

Como o nome sugere, a *função* do caso instrumental é identificar o “instrumento” (em um sentido amplo) com o qual alguma ação é executada. O melhor exemplo disponível provavelmente é a expressão **i carir quettar ómainen** “aqueles que criam palavras com vozes” (WJ: 391). Essa descrição dos elfos, envolvendo a forma instrumental plural de **óma** “voz”, identifica suas vozes como o “instrumento” ou meios pelos quais eles criam palavras. Carecendo de um caso instrumental, o português frequentemente usa a preposição “com” para ele, como na tradução de Tolkien de **ómainen**: “com vozes”. Entretanto, deve-se compreender que as desinências instrumentais do quenya correspondem ao “com” português apenas onde essa preposição significa “usando” ou “por meio de” (**i carir quettar ómainen** também poderia ser traduzida “aqueles que criam palavras usando vozes”).

É muito improvável que as desinências que indicam o caso instrumental possam ser usadas para o “com” português no sentido de “junto com” (e por favor permitam me estender neste ponto por um momento, pois alguns escritores têm aplicado de maneira errônea o caso instrumental do quenya desse modo!) Uma frase como “eu os vi com um

elfo” dificilmente pode ser traduzida como ****cennenyet Eldanen**, pois no contexto não faz nenhum sentido, uma vez que indica que o elfo é o instrumento pelo qual “eu os vi”! Por outro lado, em uma frase como “eu os vi com meu binóculo”, seria completamente correto usar o caso instrumental para a preposição portuguesa “com”. (Infelizmente, não posso reconstruir a expressão em quenya, pois Tolkien parece não mencionar qualquer palavra élfica para “binóculo” em lugar nenhum: talvez os previdentes elfos simplesmente não precisassem de tais artifícios!) Em uma mensagem na lista de discussão Elfling de 18 de setembro de 2002, Kai MacTane ilustrou belamente como o significado do caso instrumental difere de “com” significando “junto com”:

Este é o “com” *instrumental* (isto é, “usar”), e não o “com” *comitativo* (isto é, “ao lado de, junto com”). Para o “com” comitativo, use a preposição **as...**

Assim, “Eu vim aqui com um elfo”: **Tullen sinomë as Elda**. (Isto é, eu recém cheguei aqui, e um elfo chegou aqui comigo.)

mas:

I ulundo palpanë i Nauco Eldanen: “O monstro espancou o anão com um elfo.” (Isto é, o monstro literalmente ergueu o elfo e usou-o para administrar uma sova no pobre anão.)

Instrumental e comitativo: duas grandes preferências que *nunca* deveriam ser confundidas.

(Fim da citação de MacTane.) As desinências instrumentais do quenya também podem ser traduzidas para o português por meio de outras preposições além de “com”. As duas formas instrumentais que ocorrem no *Namárië* Tolkien traduziu como expressões envolvendo a preposição “em”; além disso, está claro pelo contexto que o instrumental realmente não se insere na área que de outra forma é abrangida pelo locativo. A primeira forma instrumental ocorre no final do primeiro verso da canção: **Ai! laurië lantar lassí súrinen**, “ah! como ouro caem as folhas no (= em+o) vento”. Apesar da tradução de Tolkien, o contexto indica que o “vento” (**súré, súri-**) é visto aqui como o “instrumento” *que faz as folhas caírem*: “no vento” na verdade subentende “por meio do vento”, ou simplesmente “por causa do vento”. Esse exemplo mostra que o caso instrumental do quenya pode indicar simplesmente a *razão* pela qual alguma coisa acontece (a desinência instrumental indicando o substantivo *que* faz isto acontecer). O segundo exemplo do caso instrumental no *Namárië* é parecido, envolvendo o substantivo **lírë, líri-** “canção”: citando a partir da versão em prosa em RGE0, é feita referência a **Vardo... tellumar, yassen tintilar i eleni ómaryo lírinen**, isto é, “Abóbadas de Varda..., nas quais as estrelas tremem pela canção de sua voz” (**ómaryo lírinen** = “sua voz-de-canção-pela”). De modo que a canção da voz de Varda é o *que faz as estrelas tremem*, e a palavra para “canção” conseqüentemente é marcada com a desinência instrumental **-nen**.

Outra desinência instrumental traduzida como “em” por Tolkien é encontrada na *Canção de Fíriel*, onde um verso diz que os Valar deram a todos os presentes de Ilúvatar **lestanen** = “em certa medida”. Aqui o substantivo instrumental nos diz algo sobre *como* a ação verbal foi realizada.

O poema *Markirya* inclui a forma instrumental plural (desinência **-inen**) da palavra **ráma** “asas”, as velas de um navio sendo poeticamente mencionadas como suas “asas”: o navio é descrito como **wilwarin wilwa... rámainen elvië**, significando algo como “vago como uma borboleta... em asas como estrelas” (ou, “com asas como estrelas”, “por meio de asas como estrelas”). Podemos imaginar um exemplo menos poético, usando a mesma forma instrumental plural; ex: **aiwi vilir rámainen**, “pássaros voam com (ou, usando) asas”. Ao falar de um único pássaro, poderíamos usar uma forma *instrumental dual*: **aiwë vilë rámanten**, “um pássaro voa com [um par de] asas”.

Um (na verdade, o único) exemplo de uma forma instrumental ocorrendo no *Silmarillion* é particularmente interessante. Próximo ao final do capítulo 21, *De Túrin Turambar*, Níniel se refere a seu irmão como **Turambar turun ambartanen**, “mestre do destino, pelo destino dominado”. CI: 155 indica que a leitura mais apropriada é **Turambar turún’ ambartanen**. Esta frase é peculiar por várias razões. A palavra para “destino” é aqui **ambar** com o radical **ambart(a)-**, como no nome **Turambar** “mestre do destino” e a forma instrumental é **ambartanen** “pelo destino”. Outras fontes apontam para **umbar** como a palavra para “destino, sina” (ela inclusive é mencionada no Apêndice E como o nome de uma letra tengwa). **Ambar** ocorre em outro lugar com o significado de “mundo”, como na Declaração de Elendil no SdA (onde é feita referência ao **Ambar-metta** ou “fim do mundo”), mas **ambar** “destino” coincide apenas parcialmente com esse substantivo, uma vez que a forma de radical **ambart(a)-** é distinta. Concebivelmente, a palavra “apropriada” em quenya para “destino” era **umbar**, mas a forma variante **ambar** apareceu em quenya exílico por causa da influência da palavra correspondente em sindarin (*ammarth* ou *amarth*). Devemos ter fé: talvez Tolkien explique as discrepâncias aparentes em alguma nota ainda não publicada.

Outra característica peculiar do grito de Níniel é a palavra **turun** ou mais propriamente **turún’**, traduzida “dominado”. A tradução parece indicar que este é um particípio passivo, e a forma completa deve ser **turúna**, o **-a** final aqui omitido porque a palavra seguinte (**ambartanen**) começa com a mesma vogal. Essa forma **turún[a]** “dominado” deve estar relacionada com o verbo **tur-** “governar, controlar, empunhar” que introduzimos na Lição Sete. Contudo, de acordo com as regras para a formação de particípios passivos apresentadas na Lição Dez, o particípio de **tur-** deve ser **turna** (cf. **carna** “criado” como o particípio passivo atestado de **car-** “criar, fazer”) ou, com menos probabilidade, **túrina** (cf. **rácina** “partido, quebrado” como o particípio atestado de **rac-** “partido, quebrado”). A forma **turún[a]** é bem complexa. Ela pode pertencer a uma fase peculiar na evolução de Tolkien do quenya, uma experiência abandonada posteriormente. Visto que estamos lidando aqui com material publicado postumamente, nunca teremos certeza se todos os exemplos lingüísticos representam as decisões definitivas do Professor sobre como “realmente” é a gramática do quenya.

Devemos esperar que publicações futuras esclareçam a estranha forma **turún[a]**, mas se a aceitarmos como algum tipo de particípio passivo, podemos perceber uma importante regra gramatical do grito de Níniel: após um particípio passivo, o *agente* que ocasionou a condição descrita pode ser introduzido como um substantivo no caso instrumental. Em nosso exemplo atestado, Túrin Turambar foi “dominado”, e uma vez que Níniel queria adicionar informações sobre o que “dominou” seu irmão, ela usou a forma instrumental **ambartanen** = “pelo destino”. Um exemplo menos sombrio poderia envolver, digamos, **técina** “escrito”, o particípio passivo do verbo **tec-** “escrever”: poderíamos

construir uma expressão como **i parma técina i Eldanen**, “o livro escrito pelo elfo”. Após um participio, a forma instrumental também poderia certamente assumir sua função mais básica de indicar um *instrumento*, de modo que poderíamos ter uma expressão como **técina quessenen** “escrito com uma pena [caneta]” (**quessë** = “pena”).

Devemos supor que as desinências instrumentais possam ser adicionadas ao pronome relativo **ya-** para expressar “pelo qual”, “com o qual”: singular **i cirya yanen lenden amba i sírë** “o navio **pelo qual** eu subi o rio” (**amba** = “acima, para cima”), plural **i ciryar yainen...** “os navios **pelos quais...**”, dual **i ciryat yanten...** “o par de navios **pelos quais...**”

Embora nossos exemplos atestados envolvam outros casos, não há razão para duvidar que as desinências instrumentais também possam ser combinadas com desinências pronominais possessivas – produzindo formas como **mányanen** “com minha mão”, “usando minha mão” (**má-nya-nen** “mão-minha-com”).

Combinado com um *gerúndio*¹ (desinência em **-ië**), o caso instrumental talvez possa expressar a idéia de “ao fazer tal coisa”; ex: **tiriënen** “ao observar” (por exemplo, em uma frase como “eu descobri ao observar”). Quando a desinência instrumental é adicionada a substantivos em **-ië**, a vogal em frente à desinência provavelmente é alongada, recebendo assim a ênfase (um padrão de ênfase um tanto estranho sendo evitado): assim, opto por **tiriënen** ao invés de ?**tiriënen**, que teria que ser enfatizada no segundo **i**. Não temos exemplo atestado envolvendo o caso instrumental, mas cf. **tyaliëva** de Tolkien como a forma possessiva de **tyalië** “jogo, brincadeira”. O instrumental, então, provavelmente seria **tyaliënen**. Tal alongamento vocálico – aparentemente para evitar padrões de tonicidade incômodos – também é observado em outras partes do idioma, como descobriremos na próxima emocionante seção:

VERBOS COM UMA VOGAL NÃO ENFATIZADA + **-TA**

Discutimos anteriormente quais devem ser as principais categorias de verbos do quenya. Existem alguns subgrupos menores de verbos que podem possuir suas próprias características peculiares, mas nosso conhecimento é muito limitado, uma vez que (a ladainha da lingüística tolkieniana:) temos tão poucos exemplos. Mesmo assim, algumas observações sobre estas subcategorias podem ser feitas, e trataremos de uma delas aqui.

Em alguns dos meus exemplos e exercícios, combinei o verbo **car-** “criar, fazer” com um adjetivo; ex: exercício *C* na lição anterior: **Hiritaryas carnë lierya alya**, “achá-lo fez seu povo rico”. Devo salientar que não temos nenhum exemplo feito por Tolkien de um adjetivo sendo combinado com **car-** de tal modo, e pode ser que aqui eu esteja impondo uma expressão idiomática portuguesa ao quenya. Ora, isto pode não ser um desastre: se algum dia viermos a desenvolver uma forma utilizável de quenya, ela quase que inevitavelmente se tornaria um tanto marcada pelo uso moderno (e se os Eldar retornassem de Valinor para protestar contra o maltrato de seu idioma, esta também não seria uma coisa ruim). Mesmo assim, pode-se observar que o vocabulário do quenya inclui o que pode ser chamado de *verbos causativos derivados de adjetivos*; talvez um quenya completamente “idiomático” usasse tais formações.

Esses verbos expressam, em uma única palavra, a idéia de “fazer” um objeto possuir as propriedades descritas pelo adjetivo correspondente. O estudante já deve estar

¹ Novamente, vale lembrar que o *gerúndio* inglês pode funcionar como *infinitivo*, como neste caso; ex: by **watching** = por **observar**. N. do T.

familiarizado com a desinência **-ta**, que ocorre em muitos verbos do quenya (ex: **pusta-** “parar”). Frequentemente ela é apenas uma desinência sem implicações particulares, mas ocasionalmente ela pode assumir um significado *causativo*; compare o verbo primário **tul-** “vir, chegar” com o verbo **tulta-** “invocar, convocar” (= *causar* a vinda). Adicionada a *adjetivos*, parece que esta desinência pode, de maneira similar, ser usada para produzir verbos causativos. Temos apenas alguns exemplos, mas o adjetivo **airë** “sagrado” aparentemente corresponde ao verbo **airita-** “santificar” – isto é, “*tornar sagrado*”. (O **-ë** final de **airë** “sagrado” aparece como **-i-** em **airita-** porque o **-ë** de **airë** descende de **-i** no idioma primitivo, e ele mudou para **-ë** apenas quando final. Cf. a variação similar no aoristo: **silë** “brilha”, mas com um sujeito no plural, **silir** “brilham” porque, se você adicionar qualquer desinência à vogal final, ela deixa de ser final.)

A única forma do verbo **airita-** que realmente é atestada é o pretérito. Ele aparece como **airitanë** em um manuscrito não publicado de Tolkien guardado em Bodleian: de acordo com uma nota no *Vinyar Tengwar* #32, novembro de 1993, pág. 7, a página em questão do manuscrito “data de cerca de 1966 e fornece muitas informações sobre os verbos do quenya. Ela será publicada em uma edição futura do *Vinyar Tengwar*.” Dez anos e doze *Vinyar Tengwar*s depois, infelizmente ainda estamos esperando para ver este documento aparentemente muito interessante – mas pelo menos o VT#32 citou o pretérito **airitanë**. Ele obviamente inclui a conhecida desinência de pretérito **-në**, mas deve-se observar que a vogal da desinência **-ta-** é aqui alongada quando a desinência de pretérito é adicionada. Deste modo, a agora longa sílaba **-tá-** atrai a ênfase. ****Airitanë** sem alongamento teria assim um padrão estranho de ênfase (ênfaticada em **-rit-**), e talvez seja por esta razão que o alongamento ocorre. Isso também pode implicar que, se alguma desinência adicional é adicionada após **-në** de modo que a ênfase não venha a recair sobre **-rit-** no fim das contas, o alongamento de **-ta-** pode não ocorrer: talvez, digamos, “nós santificamos” seja **airitanelvë** ao invés de **?airitanelvë**, uma vez que a ênfase deve aqui recair sobre **-ne-**, e **-ta-** não recebe nenhuma ênfase. Alguns acreditam que o quenya não pode ter uma vogal longa em uma sílaba completamente sem ênfase, a menos que esta sílaba também seja a primeira de uma palavra.

Qualquer que seja o caso, aparentemente podemos deduzir esta regra: enquanto a forma de pretérito de tal verbo (isto é, um verbo com uma vogal não ênfaticada na frente da desinência verbal **-ta**) não receber quaisquer desinências adicionais que possam deslocar a ênfase, a desinência **-ta** é alongada para **-tá-** quando a desinência de pretérito **-në** é adicionada depois dela; assim, temos **airitanë** como o pret. de **airita-**. É claro, nem todas as desinências que podem ser sufixadas a **-në** possuem o poder de deslocar a ênfase, e então o alongamento de **-tá-** deve permanecer para evitar que o acento tônico recaia em um lugar indevido: **airitáner** “santificados” (com um sujeito no plural), **airitánes** “ele(a) santificou”, **airitánen** “eu santifiquei”. Mas muito possivelmente, essa deva ser **airitanenyë** sem alongamento de **-tá-** se você usar a forma mais longa da desinência para “eu” – de modo que a ênfase move-se para **-ne-**, e **-ta-** se torna uma sílaba completamente sem ênfase.

No *Etimologias*, Tolkien listou pelo menos mais um verbo que parece pertencer a essa classe. A entrada *NIK-W-* fornece o verbo **ninquitá-** “embranquecer”, isto é, “tornar branco”, derivado do adjetivo “branco”: **ninquë** (radical **ninqui-**; a forma primitiva é dada como *ninkwi*). Ao escrever **ninquitá-**, Tolkien obviamente sugeriu que a vogal final é frequentemente longa, e podemos assumir com segurança que o pretérito é **ninquitánë**.

NOTA: na entrada *NIK-W-*, Tolkien também listou o verbo **ninquita-** “brilhar brancamente” que provavelmente se flexionaria de outra forma: talvez o pretérito fosse ?**ninquitē** com infixação nasal (permita-me afirmar claramente que isto é especulação!). No aoristo, os dois verbos provavelmente devem coincidir como **ninquita**, com o contexto determinando se este deve ser interpretado “embranquece” ou “brilha brancamente”.

Podemos ser capazes de dizer mais uma coisa sobre essa classe de verbos: como o particípio passivo (ou “passado”) é formado. Porém, as evidências estão amplamente dispersas.

Em *As Casas da Cura*, capítulo 8 do Livro Cinco d’*O Retorno do Rei*, Tolkien fez Aragorn dizer que “na língua nobre de antigamente sou *Elessar*, a Pedra Élfica, e *Envinyatar*, o Renovador”. O título em quenya **Envinyatar** = “Renovador” é interessante. Quanto ao **-r** final visto aqui, esta desinência pode ser adicionada a verbos (radicais A) do quenya com o mesmo significado da desinência agental portuguesa *-dor*, de modo que **Envinyatar** “Renovador” aponta para um verbo que o fundamenta: **envinyata-** “renovar”. O prefixo **en-** significa “re-”, e **vinya** é o adjetivo quenya “novo”, de forma que aparentemente estamos olhando para outro verbo derivado de um adjetivo por meio da desinência **-ta**.

Interessantemente, o que pode ser visto como o particípio passivo desse verbo **envinyata-** “renovar” é atestado em MR: 405, na expressão **Arda Envinyanta**. Tolkien traduziu isto como “Arda Curada” (a referência é a um mundo futuro curado das conseqüências do mal de Morgoth). Comparando-a com o título de Aragorn, **Envinyatar** = “Renovador”, podemos dizer que **Arda Envinyanta** significa mais literalmente “Arda Renovada”. Deve-se observar como o particípio passivo é formado: pela *infixação nasal* inserindo-se antes do **t** da desinência **-ta** do verbo **envinyata-**. A forma resultante **envinyanta** difere dos particípios passivos de verbos “normais” em **-ta**, que parecem possuir particípios em **-taina**. (Compare com **hastaina** “desfigurada” do mesmo texto que fornece o exemplo **Arda Envinyanta** “Arda Curada”: **Arda Hastaina** ou “Arda Desfigurada” era o mundo como ele realmente apareceu, desfigurado por Morgoth. Ver MR: 405, cf. 408, nota 14. É importante notar que esses tipos divergentes de particípios ocorrem no mesmo texto-fonte, nos permitindo saber com certeza que as diferentes formações pertencem à mesma versão de quenya: de outro modo, seria tentador dispensar algumas das formações como representando meramente um certo estágio na evolução de Tolkien do idioma – idéias abandonadas por ele posteriormente.)

Se **envinyata-** “renovar” possui o particípio passivo **envinyanta**, podemos supor de forma plausível que o part. pass. de **airita-** “santificar” é de modo similar formado por meio de infixação nasal: **airinta** “santificado” (ao invés de ?**airitaina**, embora esta forma talvez também seja aceitável). E se **airita-** possui a forma de pretérito **airitánë** com alongamento de **-ta-** para **-tá-**, provavelmente podemos assumir que **envinyata-** “renovar” se torna **envinyatánë** no pretérito. De forma parecida, se **ninquitá-** é o verbo “embranquecer”, com o pretérito **ninquitánë**, o particípio “embranquecido” bem pode ser **ninquinta**. (As formas **envinyanta**, **airinta** e **ninquinta** com certeza concordariam em número como adjetivos em **-a**, modificando essa vogal final para **-ë** no plural.)

Temos mencionado muito todos os poucos verbos conhecidos que podem experimentalmente ser designados a esta subclasse. Não há evidência direta de como eles se comportariam em outras formas que não as de pretérito e de particípio passivo. (Quanto ao particípio *ativo* em **-la**, podemos quase com certeza ver o mesmo alongamento da

desinência **-ta** como observamos antes da desinência de pretérito **-në**: assim, **airitála** “santificando”, **envinyatála** “renovando”. Novamente, a “motivação” para alongar a vogal de **-ta** seria alcançar os padrões de ênfase eufônicos.)

É certamente difícil saber até que ponto deveríamos nos sentir livres para produzir nós mesmos novos verbos em quenya ao se adicionar **-ta** a adjetivos (lembrando que adjetivos em **-ë** mudam essa vogal para **-i-** antes de desinências, como em **airita-** “santificar” a partir de **airë** “sagrado”). Para retornar à frase com a qual começamos, **hiritaryas carnë lierya alya** “achá-lo fez seu povo rico”, quem sabe ela pudesse ser melhor expressa como **hiritaryas alyatánë lierya**? Assumimos então que o adjetivo **alya-** pode ser usado como a base para o verbo **alyata-** “tornar rico” ou “enriquecer”, com o pretérito **alyatánë** (e particípio passivo **alyanta**). Nessa como em outras questões, as pessoas que querem escrever em quenya encaram uma difícil escolha: devemos tentar fazer o idioma funcionar usando somente as palavras que o próprio Tolkien forneceu, introduzindo expressões idiomáticas ou longas circunlocuções não atestadas onde sejam necessárias para funcionar ao redor das lacunas no vocabulário criado por Tolkien? Ou devemos nos sentir livres para produzir novas palavras a partir dos elementos tolkienianos ao se adicionar os princípios do Professor até onde os compreendemos, algo que pode ser visto como uma diluição da produção lingüística real de Tolkien com elementos “falsos” (embora habilmente construídos)? Alguma criatividade pós-Tolkien inquestionavelmente deve ser permitida se formos desenvolver o quenya em um idioma utilizável, mas não há respostas fáceis aqui.

O IMPERATIVO

O *imperativo* é a forma do verbo usada para expressar comandos ou pedidos. Em português, os imperativos freqüentemente são precedidos pela expressão “por favor” para torná-los mais polidos, mas deve-se compreender que uma forma imperativa como tal não deve ser necessariamente vista como uma *ordem* brusca. Na tradução de Tolkien do Pai Nosso, ocorrem vários imperativos, e uma oração como “livrai-nos do mal” certamente é apenas isto – uma oração, e não uma tentativa de mandar em Deus.

De acordo com Tolkien, o idioma élfico primitivo possuía uma *partícula imperativa* que podia ser usada em união com um radical verbal para indicar que esse devia ser considerado como um imperativo. A partícula possuía a forma *â*, e ela era “originalmente independente e variava de lugar” (WJ: 365). Algumas vezes ela era colocada *após* o radical, e em tais casos ela resultou na desinência **-a** em quenya. WJ: 364 menciona uma “exclamação imperativa” **heca!** significando “suma!” ou “fique de lado!” – e na próxima página, é sugerido que ela vem da expressão primitiva *hek(e) â*. Há também a exclamação primitiva *el-â*, “vejam!”, “olhem!”, que se acredita ser a primeira coisa que os elfos disseram ao acordarem em Cuiviénen e vislumbrar primeiramente as estrelas (WJ: 360). Em quenya, essa palavra resultou em **ela!** Era “uma exclamação imperativa direcionando a visão para um objeto realmente visível” (WJ: 362).

Se formos guiados por exemplos como **heca** e **ela**, teríamos que concluir que, pelo menos no caso de verbos primários, os imperativos podem ser formados ao se adicionar **-a** ao radical verbal. Por exemplo, **tir-** “observar” teria o imperativo **tira!** “observe!”, representando *tir-â* ou *tir(i) â* primitivos. A forma sindarin correspondente *tiro!* é atestada. (Note que o imperativo **tira** “observe!” seria distinto da forma presente/contínua **tíra** “está observando”, uma vez que na última forma a vogal raiz é alongada.) Este pode ser um modo de construir imperativos no quenya, mas também é possível que exclamações como

heca e **ela** sejam consideradas formas “fossilizadas” que descendem dos estágios mais primitivos de élfico.

Quanto ao típico modo “moderno” de se formar imperativos, há alguma evidência de que uma descendente da partícula original *â* ainda era tratada como uma palavra independente: ela era colocada *na frente do* radical verbal ao invés de ser sufixada como uma desinência. No próprio SdA um exemplo é fornecido pelo Louvor de Cormallen, a multidão saudando Frodo e Sam com as palavras **a laita te... Cormacolindor, a laita tárienna!** “Abençoi-os... Os Portadores do Anel, abençoi-os (ou louvai-os) às alturas” (traduzido em *Letters*: 308). Note como o radical verbal **laita-** “abençoar, louvar” é aqui precedido pela partícula imperativa **a** para formar a expressão imperativa **a laita!** “abençoi!” ou “louvai!” A partícula **a** também aparece na forma longa **á**, a partir diretamente da *â* primitiva, como na exclamação **á vala Manwë!** “que Manwë ordene!” (WJ: 404). Aqui, o verbo **vala-** “governar” (a origem do substantivo **Valar** e em uso posterior se referindo, portanto, apenas a poder “divino”) é combinado com a partícula imperativa **á**: o significado literal de **á vala Manwë!** é claramente algo como “governe, Manwë!”, se fizermos um esforço para traduzir **á** como uma palavra separada. Casualmente, esse exemplo demonstra que o sujeito do imperativo (aquele que deve executar a “ordem” ou pedido) pode ser explicitamente mencionado após a expressão imperativa propriamente dita.

Há alguma razão para a partícula de imperativo aparecer na forma curta **a** em **a laita**, mas na forma longa **á** em **á vala**? Foi sugerido que **á** é encurtado para **a** sempre que ela ocorrer em frente a uma *sílaba longa* (como **lai-**, por causa do ditongo **ai**), mas não temos certeza. Talvez **á** vs. **a** seja apenas um exemplo de variação aleatória: sendo presumivelmente não enfatizada, a partícula poderia tender a ser encurtada se os falantes não a enunciarem com cuidado (a multidão empolgada em Cormallen, saudando os hobbits que haviam salvado o mundo, possivelmente o fez!) Eu geralmente preferiria a forma longa **á**, evitando confusão com o **a** como uma partícula de *direção a alguém*, como o “ó” português (como na saudação de Barbárvore a Celeborn e Galadriel: **a vanimar** = “ó seres belos”, *Letters*: 308). Por exemplo, uma vez que o verbo “ir” é **lelya-**, o imperativo “vá!” seria **á lelya!**

A partícula imperativa **á** também pode ser combinada com a negação **vá** para formar a palavra **áva**, usada em comandos *negativos*: **áva carë!** “**não** faça [isto]!” (WJ: 371). Esse exemplo também revela como verbos *primários* se comportam em expressões imperativas: eles aparecem com a desinência **-ë**, assim como o fazem quando são usados como infinitivos (e como formas aoristas sem desinência). Assim, a partir de um verbo primário como **tir-** “observar”, provavelmente podemos formar uma ordem como **á tirë!** “observe!” – negativa **áva tirë!** “não observe!”

A FÓRMULA **NAI**

Se alguém não quer emitir uma *ordem* (mesmo polida), mas simplesmente expressar um *desejo* de que algo seja feito ou aconteça, o quenya possui uma “fórmula de desejo” especial.

Próximo ao final do *Namárië*, encontramos estes versos: **Nai hiruvalyë Valimar! Nai elyë hiruva!** No SdA, isso é traduzido “talvez hajas de encontrar Valimar! Talvez tu mesmo hajas de encontrá-la!” A palavra **nai** é aqui traduzida para o português como “talvez” mas, em outro lugar, Tolkien indicou que essa palavra em quenya não implica simplesmente que algo é *possível*. Ele observou que **nai** “expressa preferencialmente um

desejo ao invés de uma esperança, e seria mais fielmente traduzida como ‘possa ser que’ (tu hajas de encontrar), ao invés de ‘talvez.’” (RGEO: 68) Podemos nos perguntar por que ele usou a tradução “equivocada” *talvez* em primeiro lugar; possivelmente há alguns “desenvolvimentos conceituais” envolvidos aqui (isto é, Tolkien mudou de opinião sobre o significado preciso de um texto em quenya que ele já havia publicado!) Em todo caso, sua decisão final sobre o significado da expressão **nai hiruvalyë Valimar** foi a de que ela deve ser interpretada como “seja que tu hajas de encontrar Valimar” ou “que tu encontres Valimar”. **Nai elyë hiruva** da mesma forma significa “seja que tu mesmo hajas de encontrá-la”. (A palavra **elyë** “tu mesmo”, ocorrendo aqui como um pronome independente enfático, corresponde à desinência **-lyë** “tu, você”, enquanto que **Valimar** aparece aqui como uma alternativa para **Valinor**: Galadriel, ao cantar o *Namárië*, expressa assim um desejo de que Frodo venha eventualmente a “encontrar” ou chegar ao Reino Abençoado – e como lembramos, tanto ele como a própria Galadriel passaram sobre o Mar no final.)

Temos mais uma confirmação da fórmula de desejo **nai**. Ela ocorre no *Juramento de Cirion*, com Cirion expressando um desejo de que os Valar guardem o juramento: **nai tiruvantes**, “seja que eles o guardem [/o velem]”. Tolkien observou que este é o equivalente de “que eles o guardem” (CI: 340, 498).

Quanto ao significado básico da própria palavra **nai**, Tolkien indicou que ele é literalmente “seja que”: ele produziu **nai** em quenya a partir de *nâ-i* mais primitiva (RGEO: 68). A parte *nâ* parece ser o elemento que significa “seja!”, sem dúvida intimamente relacionado com o verbo de ligação em quenya **ná** “é”, ele próprio uma forma do verbo “ser/estar”. O *i* final deve ser o elemento correspondente ao “que” de “seja que”, e este *i* certamente pretende estar relacionado ao artigo **i** “o(s), a(s)” do quenya.

Qualquer que seja a origem precisa ou o significado básico de **nai**, ela é uma palavra útil que aparentemente pode ser colocada na frente de qualquer frase que inclua um verbo no futuro, transformando uma simples afirmação sobre o futuro em um *desejo* sobre o que o futuro pode trazer:

☐ **Elda tuluva coalvanna** “um elfo virá à nossa casa” > **Nai Elda tuluva coalvanna!** “possa um elfo vir à nossa casa!” = “desejo que um elfo venha à nossa casa!” ou “que um elfo venha à nossa casa!”

☐ **Hiruvan i malta** “encontrarei o ouro” > **Nai hiruvan i malta!** “possa eu encontrar o ouro!” = “desejo encontrar o ouro!”

☐ **Caruvantes** “eles farão isto” > **nai caruvantes!** “possam eles fazê-lo!” = “desejo que eles o façam!”

No *A Sociedade do Anel* de Peter Jackson, pode-se ouvir Saruman pronunciando um exemplo da fórmula **nai** na cena onde ele fica no topo de Orthanc recitando invocações para causar uma avalanche sobre a Sociedade. Ele grita para a montanha: **Nai yarvaxëa rasselya taltuva notto-carinnar!** = “Desejo que seu chifre manchado de sangue desmorone sobre as cabeças inimigas!” (O ator interrompe antes de **taltuva** “desmoronará”; Christopher Lee, representando Saruman, pode não ter compreendido que ele estava pronunciando uma única frase, e não duas!)

Em nossos exemplos atestados, **nai** é combinada com o tempo futuro, mas uma vez que temos apenas três exemplos, certamente não se pode rejeitar a possibilidade de **nai** também ser usada em conjunção com outros tempos. (Alguém pode ainda dizer que temos apenas *dois* exemplos, o *Juramento de Cirion* + o *Namárië*, visto que os dois exemplos da fórmula **nai** próximos ao final do *Namárië* são muito parecidos.) Talvez **nai** também possa

descrever a esperança do falante de que um certo desejo já esteja sendo realizado, ou que foi realizado no passado – o falante não sabendo ainda se o desejo se tornou real ou não. Assim sendo, poderíamos ter construções como **nai tíras** “possa ele(a) estar observando” = “espero que ele(a) esteja observando” (com o tempo presente ou contínuo de **tir-** “observar”), **nai hirntentes!** “possam eles ter encontrado-o” = “espero que eles tenham encontrado-o” (com o pretérito de **hir-** “encontrar”), ou **nai utúlies** “possa ele(a) ter vindo” = “espero que ele(a) tenha vindo” (com o tempo perfeito de **tul-** “vir”). Contudo, nos exercícios abaixo, **nai** é apenas combinada com o tempo futuro – como em nossos exemplos atestados.

Sumário da Lição Dezesseis: o caso *instrumental* possui a desinência básica **-nen**, plural **-inen**, dual **-nten** (pelo menos no caso de substantivos com formas nominativas duais em **-t**; substantivos com formas duais em **-u** podem apenas adicionar a desinência mais simples **-nen** à essa vogal). A desinência instrumental é adicionada a substantivos que indicam o “instrumento” ou meio pelo qual alguma ação é feita ou completada, como quando os elfos são descritos criando palavras **ómainen** = “com vozes” (**óma** “voz”). A desinência instrumental pode corresponder às preposições portuguesas “com” ou “por, pelo” onde essas palavras significam “uso”, “por meio de”. Algumas vezes a desinência instrumental pode indicar um substantivo simplesmente mostrando *o que* faz algo acontecer, como quando o primeiro verso do *Namárië* diz que folhas caem **súrinen** = “ao vento”, isto é, por causa do vento. Após um particípio passivo, um substantivo no caso instrumental pode indicar quem ou o que ocasionou a situação descrita, como quando Túrin é descrito como **turún’ ambartanen**, “dominado *pelo* destino”. – Verbos que incluem uma vogal não enfatizada + a desinência **-ta** parecem possuir formas de pretérito em **-tánë** (note o **á** longo) e particípios passivos em **-nta**. Exemplos atestados incluem **airitánë**, pretérito de **airita-** “santificar”, e **envinyanta**, particípio passivo de **envinyata-** “renovar, curar”. Esses verbos são formações *causativas* derivadas de adjetivos por meio da desinência **-ta**, como **airë** (**airi-**) “sagrado” é a base do verbo causativo **airita-** “tornar sagrado” = “santificar”. – Os *imperativos* do quenya são indicados pela partícula **á** (variante **a**, negativa **áva** “não”), que é colocada na frente do radical verbal: **a laita** = “louvai!”, **á vala** “governe!” Neste contexto gramatical, o radical de verbos primários assume a desinência **-ë**, como na ordem de negação **áva carë** “não faça [isto]!” Algumas formas (antigas, fossilizadas?) imperativas são vistas substituindo a partícula imperativa independente **á** ou **a** pela *desinência* correspondente **-a** (**ela** “veja!”, “contemple!”, **heca!** “suma!”) – A palavra **nai**, significando “seja que...”, pode ser colocada no início de uma frase para expressar um *desejo*: **nai tiruvantes** “possam eles guardá-lo” ou “que eles o guardem” (cf. **tiruvantes** “eles o guardarão/o observarão”). Em nossos exemplos atestados, **nai** é colocada na frente de frases que incluem um verbo no futuro; não se sabe se **nai** pode ser combinada com outros tempos verbais.

VOCABULÁRIO

nelya “terceiro” (O nome original do terceiro clã de elfos era **Nelyar**, literalmente “Terceiros”, que posteriormente veio a se chamar **Lindar** ou **Teleri** [WJ: 380, 382].)
á partícula imperativa (variante **a**, mas usaremos **á** aqui)

áva “não!” (isto é, a partícula imperativa combinada com uma negação. Também na forma **avá**, a única palavra do quenya de duas sílabas atestada que definitivamente sabemos ser enfatizada na *última* sílaba [WJ: 371] – mas usaremos **áva** aqui.)

rac- “quebrar, partir”

envinyata- “renovar”

airita- “santificar”

harna- “ferir” (e o particípio passivo evidentemente também é **harna**, definido como “ferido” na entrada *SKAR* no *Etimologias*. A formação adjetiva ou participial **harna** “ferido” é o derivado primário da raiz original; eventualmente **harna-** também veio a ser usado como o radical verbal “ferir”. É claro, se esta palavra fosse como um radical A regular, o particípio passivo deveria ser então ?**harnaina**. Mas a desinência -**ina** é apenas uma variante mais longa da desinência -**na** que está presente desde o início, e dificilmente seria necessário sufixá-la duas vezes à mesma palavra!)

namba “martelo”

ehtë “lança”

yána “local sagrado, santuário”

nilmë “amizade”

Rómen “o leste” (o **ró-** inicial está estritamente relacionado ao **or-** do verbo **orta-** “erguer, levantar”, uma vez que o sol de levanta no leste.)

EXERCÍCIOS

1. Traduza para o português:

A. **Utúlies Rómello ninquë rocconen.**

B. **I nér harnanë i rá ehtenen, ar eques: “Áva matë yondonya!”**

C. **Quentelmë i Eldanna: “Nilmelva ná envinyanta annalyanen!”**

D. **I nelya auressë quentes i vendenna: “Á carë ya merilyë!”**

E. **Quen umë polë hirë harma nurtaina Naucoinen, an Nauco melë núravë i malta ya haryas.**

F. **I nér ná harna rassenten i lamno; nai úvas firë!**

G. **Lindëas alassenen.**

H. **Á lelya i ostonna ar á quetë i taura tárinna: “Nai varyuvalyë nórelva i úmië ohtarillon!”**

2. Traduza para o quenya (usando consistentemente a partícula imperativa independente ao invés da desinência -a, que possivelmente só ocorre em formas fossilizadas):

I. Ele disse ao anão: “Quebre a taça com um martelo!”

J. Pelo (= de) navio eu parti [pretérito de **auta-**] para uma terra remota no leste.

K. A cidade é protegida por grandes muralhas, e guerreiros que lutam com lanças não podem partir as muralhas.

L. Calandil disse ao seu filho ferido: “Não morra!”

M. Que sua rainha encontre o santuário santificado pelos elfos!

N. O rei e a rainha foram à minha casa e renovaram nossa (*excl.*) amizade com grandes presentes.

O. Ela agarra o menino com suas mãos (*dual*), e ela diz: “Não vá ao rio!”

P. A mulher que vive (/mora) na terceira casa na rua disse ao elfo: “Observe os homens que estão vindo do santuário que você vê na colina, aqueles que vão para o leste.”